

Brasília dá mau exemplo de educação

Luis Cláudio Alves

Brasília já convive com as mazelas dos grandes centros urbanos do País. Por toda cidade surgem maus exemplos de infrações cometidas diariamente pela população. Na maioria das vezes os alvos são os equipamentos e áreas públicas. Se fossem feitos levantamentos sobre os prejuízos provocados por cada uma das dez situações mostradas hoje pelo **CORREIO BRAZILIENSE**, chegaríamos a um valor estratosférico de alguns milhares de cruzeiros.

Esse dinheiro, gasto anualmente pelo governo na reparação dos danos, vem da arrecadação de impostos que são pagos pela própria população. Os recursos acabam sendo desviados de áreas como educação e saúde para recuperar os estragos dos atos de "desobediência civil". Do outro lado, o governo promove uma fiscalização insípida e tímida, que fica longe de evitar as infrações.

As seções de fiscalização das administrações regionais, encarregadas de coibir as irregularidades, queixam-se que não há quadro de pessoal suficiente para o trabalho. A Administração Regional de Brasília, por exemplo, conta com apenas 18 fiscais de obra e 15 de postura. Segundo um dos responsáveis pelo setor, Jurandi de Cerqueira, para atender bem a demanda são necessários pelo menos 80 fiscais. Os fiscais também reclamam que a falta de um Código de Postura dificulta a fiscalização e a punição.

Aos olhos da população, que enche as administrações regionais de reclamações, seria muito mais barato para o GDF reforçar o número de fiscais do que continuar gastando milhares de cruzeiros na recuperação dos estragos.

Carros no gramado

Brasília é considerada uma das cidades com maior concentração de áreas verdes. Mesmo assim, ou até por isso, os motoristas brasilienses teimam em estacionar seus veículos sobre os gramados (foto 1). A infração é fiscalizada pelas administrações regionais, Detran e Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec). Quando se fala tanto em preservação ambiental não seria mais do que justo a conservação de nossos gramados. Para o administrador de Brasília, Haroldo Meira, a falta de estacionamentos suficientes para abrigar os automóveis em pontos específicos do Plano Piloto não é justificativa para o ato desses motoristas. "O motorista, na maioria das vezes, quer sempre estacionar em frente ao local aonde se dirige. Ele não admite estacionar um pouco mais adiante e ter que caminhar".

As placas do Detran indicando que é proibido estacionar praticamente perderam o significado. É algo que ninguém mais respeita. Apesar das pesadas multas aplicadas pelo Detran e Polícia Militar, os motoristas continuam cometendo a infração.

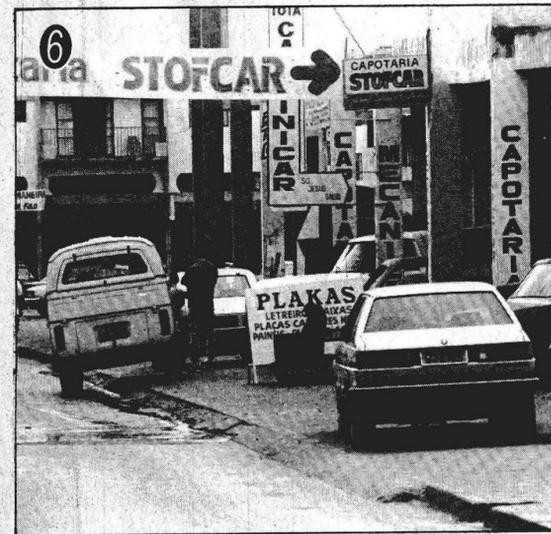
Pichação e grafiteagem

A pichação e a grafiteagem (foto 2) estão entre os principais atos de vandalismo contra os equipamentos públicos no DF. Segundo o Departamento de Transportes Urbanos, esses atos contribuíram para a depreciação de 731 ônibus, apenas nos cinco primeiros meses desse ano. Isso representa um prejuízo de Cr\$ 10,6 milhões ao sistema de transporte coletivo. Os pichadores e grafiteiros dizem que estão apenas "expressando seus pensamentos", através dos ininteligíveis rabiscos coloridos. Em outubro de 1989, a 19ª DP, do Setor P Norte, na Ceilândia, prendeu de uma só vez 35 menores pichadores e grafiteiros, que faziam parte de um grupo patrocinado por maiores de idade. Os maiores foram para cadeia e os menores tiveram que ajudar a pintar alguns colégios da Ceilândia.

Faixas e cartazes

De uma hora para outra Brasília foi invadida por faixas (foto 3) e cartazes confeccionados em tecidos ou papel e colocados estrategicamente no Plano Piloto e cidades-satélites, anunciando cursinhos, lojas, promoções, shows, ou trazendo recados de amor. Somente a Administração Regional de Brasília chega a retirar 150 faixas desse tipo por semana das ruas. Identificar os autores da irregularidade às vezes é difícil. Mas quando isto é possível são aplicadas multas de até cinco UPDF (Cr\$ 181.465,00). Segundo o arquiteto da Gerência de Engenharia do Detran, Joel Rodrigues, as faixas, além de poluir visualmente a cidade, têm o poder de desviar a atenção dos motoristas, podendo causar acidentes.

FOTOS: RONALDO DE OLIVEIRA



Carros nas calçadas

Qualquer cidadão de bom-senso sabe que as calçadas e os passeios públicos não foram feitos para suportar os pesos dos automóveis. Mesmo assim, é grande o número de motoristas que, sob a desculpa de falta de estacionamento, insistem em destruir calçadas públicas (foto 4) que foram feitas para pedestres. A Administração Regional de Brasília e o Detran iniciaram este ano uma ofensiva contra esses motoristas, aplicando multas de Cr\$ 35 mil pela danificação de bem público e mais outra multa por estacionamento em local proibido. A campanha, apesar de bem intencionada, resultou num fracasso. O volume de reclamações de moradores e o registro desse tipo de infração continuam praticamente o mesmo.

Entulhos de obras

A colocação de restos de obras e de qualquer tipo de entulho em áreas públicas (foto 5) é outro tipo de infração bastante comum na cidade. O "cidadão" realiza determinada reforma em sua residência ou comércio e quando termina descobre que ficou com um saldo de concreto, pedra e ferro inaproveitáveis. A grande maioria, ao invés de procurar orientação junto ao Serviço de Limpeza Urbana sobre o que fazer com o entulho, livra-se do embaraço na primeira esquina ou área abandonada. Além de sujar a cidade, os entulhos "dispensados" dessa maneira destroem áreas verdes e provocam erosões. As multas podem chegar até Cr\$ 36 mil.

Áreas invadidas

As invasões de áreas públicas por estabelecimentos comerciais e por residências (foto 6) já viraram rotina na cidade. Os invasores alegam que procedem desta maneira porque suas lojas são muito pequenas ou então para dar maior segurança às suas residências. O governo não age sob a justificativa de que o assunto precisa ser melhor analisado. Os fiscais não fiscalizam, alegando que não há legislação atual sobre o assunto. Ao mesmo tempo, o Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) vem se arrastando na análise do problema há quase três anos. As multas para este tipo de infração variam de Cr\$ 360 mil a Cr\$ 1 milhão e 800. O difícil é fazer com que o infrator pague a multa e desista da invasão. Na maioria dos casos, os recursos levados à Justiça complicam o problema.

Sinalização equivocada

Placas de sinalização dos mais diversos tamanhos e padrões estão espalhadas por toda cidade, muitas vezes confundindo os visitantes. O problema, aparentemente só estético, ultrapassa esta dimensão podendo até colocar em risco a vida de motoristas que se confundem com sinalizações equivocadas (foto 7). A fiscalização deste problema está a cargo do Departamento de Serviços Públicos e do Detran. Na opinião do chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UnB, Cláudio Villar de Queiroz, uma solução para o problema, seria a unificação do padrão das placas.

Placas irregulares

As placas de identificação irregulares (foto 8) estão cada vez em maior número pela cidade. Essas placas poluem visualmente e deturpam o projeto urbanístico da cidade. As administrações regionais alegam que estão atentas para a distorção, procurando notificar e multar os infratores. O setor de fiscalização da Administração Regional de Brasília alega que os comerciantes são notificados e "convidados" a regularizarem suas placas. O próximo passo a aplicação de multas. Mas, segundo os fiscais, o problema é de difícil solução pois não há estrutura para fiscalizar toda cidade.

Biroskas e trailers

As biroskas e trailers (foto 9) de lanches já estiveram por várias vezes com os dias contados, se fossem levadas adiante as declarações das autoridades. A falta de emprego e a colocação em disponibilidade de milhares de funcionários públicos são apontadas como responsáveis pela proliferação desse comércio. As biroskas situadas perto de obras se transformaram numa preocupação da Secretaria de Segurança depois que constatou-se que as bebidas alcoólicas são grandes causadoras de acidentes de trabalho. A fiscalização tem a missão de evitar a comercialização dessas bebidas nas proximidades de canteiros de obras.